

OPINIÃO

Achado à beira da estrada



MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

Por época da visita do primeiro-ministro da Inglaterra ao Brasil, Lula afirmou que a crise financeira internacional foi causada pelo comportamento irracional de gente branca de olhos azuis. A gafe se junta a um vasto repertório de despautérios ditos em diversas ocasiões da agenda presidencial. Intui-se que as referências feitas destinavam-se a banqueiros americanos responsáveis pela instauração da desordem econômica. Uma coisa, entretanto, é intuir e outra o real sentido contextual da frase.

A forma genérica como se expressou nem mesmo excluiu o primeiro-ministro Brown, cujo país de origem contribuiu com a maior parcela genética de formação do povo americano. Nem tampouco se deu conta de que há dirigentes de instituições financeiras do país que são negros ou morenos de olhos escuros. Ninguém mais entre nós se incomoda com os costumes disparates verbais de Lula. Passaram a integrar, para gáudio de internautas, o troca-troca de chacotas pela internet. O conjunto de resultados positivos do governo, ainda que em plena crise econômica, serve, contudo, de almofada para amortecer falhas subjetivas do desregramento verbal.

Do posto de observação de quem se acha desarmado de partidarismos ideológicos, a análise política deve ser interpretada com senso de isenção. A arrumação econômica do país começou a se dar no governo Itamar Franco. Durante seu curto mandato é que o Plano Real foi concebido e implantado. É o único que deu certo de tantos quantos anteriormente tentados.

As medidas para sua consolidação prosseguiram no período presidencial de Fernando Henrique Cardoso. Outras iniciativas de capital importância no campo econômico foram introduzidas.



Empossado Lula na Presidência, em seus primeiros meses de governo houve temores de segmentos internos e externos de que haveria descontinuidade da política econômica dos governos que o precederam. Com inusitada surpresa, viu-se que o novo presidente não só esconjurou a cantilena ideológica petista como absorveu na íntegra as mesmas bases programáticas encontradas.

Se a economia já havia dado sinais de revitalização, no governo de Lula é que teve condições de maior fortalecimento. No prosseguimento da reordenação econômica interna, logrou-se êxito com mudanças no plano constitucional e legal, indispensáveis para situar o país no eixo da concretude globalizada. Outros ajustes julgados necessários foram também providenciados.

A demanda internacional por commodities, com a frenética disposição da China para crescer, dimensionou as vendas de produtos nacionais e fez engordar as divisas do país. Graças à recomposição da ordem econômica é que as reservas monetárias no Banco Central passaram a acumular valores que hoje giram em torno de US\$ 200 bilhões. Para um país que pouco as possuía, ou não as possuía, ter chegado a tal patamar, credite-se o bom desempenho à correção dos programas econômicos nascidos do Plano Real.

Seja lá o que se queira dizer, mas é no governo de Lula que a economia nacional começou a produzir frutos realisticamente promissores. As duas centenas de bilhões de dólares conversíveis das moedas estrangeiras depositadas no BC vão permitir, se

for o caso, enfrentar as incertezas do amanhã. Para a reunião de recursos destinados a socorrer os países mais afetados pela crise, o Brasil deverá repassar ao FMI parte das reservas que for possível disponibilizar. É impensável que isso pudesse acontecer até pouco tempo. O país que foi frequente devedor do organismo financeiro, vai passar doravante a ser dele credor.

Se existem pessoas que não acreditam em sorte, esse seguramente não é o caso do presidente. Quando se supunha que as CPLs instauradas em seu primeiro mandato o pegassem, viu-se que saiu ileso. As acusações existentes, por mais óbvias que parecessem ser, passaram ao largo de comprometê-lo. Nem a imprensa se preocupa mais com suas extravagâncias, estroinices, gastos com viagens e destemperos vernaculares. Ficou imune a críticas. Vestiu-se de couro de jacaré, insensível a pancadarias. Firmou-se, enfim, a pax romana.

A facilidade de externar ideias faz de Lula perito na arte de comunicar. Consegue integrar com seus ouvintes, estabelecendo com eles relação de empatia explícita. Se a oratória se reduz à linguagem trivial, nem por isso a retórica implica compreensão. Há pessoas de abundante vocabulário que não se fazem compreender. Nele, a penúria da língua não dificulta se fazer entender. Se a alguns o espalhafato cênico do discurso espanta, à maioria soa como elemento intrínseco dos méritos da oratória.

Falei acima acerca da sorte que o persegue. Não se sabe a que limite chegará. Até aqui o tem contemplado. Disse, ainda que rapidamente, dos atributos que a pálida oposição desdenha. Por favor, mensurem o que outro dia sucedeu. Nem digam que não seja sorte. Na reunião do G-20, há dias realizada em Londres, Barack Obama, presidente da maior potência capitalista mundial, cumulou Lula de extremos afagos. “É o cara! Adoro este cara! É o político mais popular da Terra!”. O louvor se espalhou pelo mundo. Deixou perplexos líderes do evento e a comunidade mundial. Ora, não é pouca coisa, partindo de quem partiu.



ARI CUNHA
visto, lido e ouvido

Desde 1960

aricunha@diariosassociados.com.br
com Circe Cunha // circecunha.df@diariosassociados.com.br

Armas nucleares

Stanford — O prestígio do presidente Barack Obama toma impulso em todos os países. O fato de falar com franqueza, evitar simulações, tem dado ao presidente norte-americano elevado grau de confiança e respeito. Sem palavras de dúvida interpretação, disse com todas as letras que está em mãos dos países livres o exemplo de reduzir armas nucleares. E citou a Coreia do Norte como mau exemplo. A seu ver, aquele país extrapolou o direito à criatividade ao interferir na vida dos povos. China e Rússia foram contatados. Já estão de acordo em pressionar a Coreia do Norte. A explicação é que os coreanos do norte desejam o uso de foguetes para amedrontar os países passíveis de ataque, Estados Unidos, Rússia e China. O foguete lançado não alcançou êxito e caiu no mar. Tudo é passível de elucubrações. Mas se todos os países possuírem o mesmo tipo de arma, alguém poderá pensar no fim de tudo. Foi por causa disso que surgiu a internet, como meio de comunicação entre os povos. Quando URSS e EUA viviam ambiente de guerra fria, cada presidente andava com uma mala. Só à autoridade máxima cabia acionar o dispositivo que atingiria de forma mortal o adversário. Mas a ideia foi boa. Assim nasceu a comunicação entre todos os países, que seria usada para anunciar a desdita. Na paz, essa comunicação serviu para o bem. Foi criada a internet, acesso gratuito em todas as línguas. Hoje nós desfrutamos grátis de todas as comunicações.

A FRASE QUE NÃO FOI PRONUNCIADA

“De onde menos se espera é que não sai nada mesmo.”

Geoffrey Kenn, desempregado, na fila do escritório para inscrição dos sem-emprego norte-americanos.

Sobrevivência

Pela beira das estradas, em qualquer parte dos Estados Unidos, estão os imigrantes. Quem conseguiu entrar na América do Norte se aproveita das colheitas durante a primavera para o próprio sustento. Fazendeiros pagam até US\$ 10 a hora.

Crise

Circuit City, Fortunoff e outras grandes redes americanas fecharam. Os que chegam para visita sempre se assustam. E o desemprego em apenas um mês chegou a 700 mil pessoas em todo o país.

ESL

Inglês como segunda língua. Com esse lema, centros de educação ensinam aos estrangeiros a cultura norte-americana. Leis, obrigações, história, civismo são transmitidos a todos os que buscam as escolas. São dezenas de nacionalidades que dividem o mesmo ambiente. Nada é pago. O governo banca as instituições.

Hu Jintao

Na reunião entre líderes mundiais, em Londres, houve discussão sobre contas sigilosas na Suíça. Enquanto o líder chinês

defendia o segredo do assunto, tinha no pensamento o lançamento do míssil disparado na semana seguinte ao encontro.

Curiosidade

Pela United, um empregado pode indicar até três amigos para viajar com desconto. Desde que ocupe a fila de espera, o preço diminui de US\$ 350 para US\$ 70. A vantagem financeira é enorme, mas o estresse é o mesmo de uma bolsa de valores.

Connecticut

Se durante os exames de rotina no serviço médico, em Stanford, o pediatra registra que a criança perdeu peso, ele é obrigado a comunicar ao estado. O governo destaca nutricionistas e outros profissionais para recuperar a saúde do pequeno. Os pais são obrigados a aceitar o atendimento extra.

Consome dor

A SIMM do Brasil, importadora do celular BlackBerry, que trabalha com a operadora Vivo, recebeu um aparelho para reparo em 26 de janeiro. Ao consumidor, devolveu, depois de dois meses, um aparelho de outro cliente, com todos os dados pessoais. O protocolo é o 157199.

Pessach e identidade judaica



JAIME PINSKY
Historiador, doutor pela USP, professor titular da Unicamp, diretor editorial da Editora Contexto
www.jaimepinsky.com.br

isso decorra do fato de as leis judaicas falarem mais de proibições do que de ações recomendadas, mais de punições do que de elogios. Curioso que Deus, quando se manifesta aos judeus, geralmente reprime, embora para terceiros tenha por hábito elogiar aquele povo, chamando-o de eleito e tudo o mais. Vá entender.

Pensando bem, dá para entender. Afinal, não é assim também que faz a mãe judaica, nos endeusando para os outros (particularmente para outras mães judaicas) e lembrando, quando fala conosco, de como não sabemos fazer as coisas direito e somos fracós, incompletos e dependentes (dela, com toda certeza)?

Tudo isso deve ter desenvolvido nossa capacidade de responder à altura, desenvolver argumentos, exercer a dialética. Quem já frequentou uma escola rabínica sabe a balbúrdia que é aquele judeus nos EUA uma outra extensão dessa habilidade desenvolvida desde criança como instinto de sobrevivência diante da esmagadora e onisciente ídiche mame? Tudo isso para dizer que o

Pessach, a Páscoa judaica, é uma comemoração única. Aparentemente, ela registra “a saída dos judeus do Egito”. Mas como apreciados argumentar começamos: que judeus?

Historiadores, mesmo os mais tendenciosos, não conseguiram encontrar nenhuma evidência da ida, ou mesmo da presença de judeus no Egito, daí ser difícil falar de sua saída. Consideramos a Travessia um mito de criação, desses que todos os povos, nações, religiões e etnias têm (quase todos os grandes fundadores nasceram de forma diferenciada — vejam os casos de Moisés, Jesus, Rômulo e Remo, por exemplo —, tiveram, ainda jovens, sua vida ameaçada e não viveram o suficiente para ver sua obra frutificar). O que parece aceitável é que grupos saídos do Egito tenham se constituído como povo no deserto e se organizado em clãs, ou tribos, como era usual na época. Posteriormente, por volta do ano 1000 a.C. as tribos se unificaram formando um ou dois reinos, geralmente frágeis, porque estabelecidos entre os dois grandes impérios do Médio Oriente, Egito e Mesopotâmia.

Ainda há os que pensam que o judaísmo de hoje deveria ser o mesmo que o do Templo de Jerusalém. Para esses deve-se chorar para sempre as destruições do Templo de Jerusalém, tanto a de

586 a.C., perpetrada por Nabucodonossor, quanto a do ano 70 E.C., pelas mãos do romano Tito, suposto início da Diáspora. Pessach, para a classe sacerdotal, deve ser um tributo doméstico à hierarquia religiosa. Difícil, hoje em dia, a volta de um templo, como fração religioso do poder político, fazendo sacrifícios de animais, restaurando o poder sacerdotal e tendo funções arrecadadoras, como o antigo. Sua reinstauração é uma idéia tão anacrônica que nem sequer fundamentalistas judeus a defendem seriamente.

Gosto da definição segundo a qual um povo é um grupo com a consciência de um passado comum. Quando eu digo consciência não quero dizer que esse passado comum tenha de fato existido. Ao optar por me sentir herdeiro das melhores tradições judaicas — e, sim, eu tenho o direito de escolhe-las — eu passo a ser herdeiro delas. Não interessa se há 3 mil anos meus ancestrais já eram judeus, não importa se sou fruto da conversão de cazaros na Idade Média, ou de ucranianos após 1648, não vem ao caso se optei por meu judaísmo há um ano ou uma semana. O importante é a consciência que tenho de ser herdeiro dos profetas sociais e de tantos judeus que sonharam com uma humanidade melhor. Sim, Pessach é uma travessia.

HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O sr. Jânio Quadros aceitou o convite formulado pela Congregação da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie para ser o catedrático da 2ª cadeira de Direito Judiciário Penal, recentemente criada naquele estabelecimento de ensino superior. (Publicado em 27/1/1961)